

## A ESTÉTICA COMO POTÊNCIA DA PERSPECTIVA DA CRIANÇA: UMA LEITURA DA INFÂNCIA DE GRACILIANO RAMOS

JULIANA MARQUES DE FARIAS<sup>1</sup>; MAIANE LIANA HATSCHBACH OURIQUE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – teacherjulianafarias@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas– maianeho@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

Pesquisadores da infância apontam que a qualidade das relações estabelecidas na Educação Infantil entre professores e crianças é um indicativo da pedagogia adotada por uma instituição escolar. Compreendemos que a essas relações fica subjacente uma imagem de criança, que pode representar um sujeito de direitos, ativo e potente ou, por outro lado, pode se aproximar por uma concepção empobrecida de infância. Tensionar tais imagens possibilita que venham à tona os pressupostos e as crenças dos professores, possivelmente sofisticando o processo formativo (NÖRBERG e OURIQUE, 2018).

A estética pode contribuir nesse sentido, visto que, segundo Hermann (2005), a expressão artística pode convidar à imaginação narrativa e apresentar uma característica perturbadora - é capaz de suscitar emoções intensas e provocar um confronto com nossas crenças, pensamentos e intenções. A autora (2005) também sinaliza que a potência estética da literatura pode auxiliar-nos a comunicar nosso horizonte ético. Portanto, a partir dos referenciais teóricos de Walter Benjamin, o objetivo desta proposta de trabalho é tensionar a imagem de criança no livro **Infância** de Graciliano Ramos (2020) como horizonte de compreensão sobre concepções, crenças e teorias que circulam nos discursos e espaços de formação de professores. Orienta-se pela seguinte problemática: Como a perspectiva do menino na obra **Infância** de Graciliano Ramos (2020) contribui para tensionar a imagem de criança de professores em formação?

### 2. METODOLOGIA

Para este recorte temático, selecionamos trechos do capítulo inicial da obra **Infância** de Graciliano Ramos (2020) para tecer nossas reflexões. O breve capítulo, intitulado nuvens, convida os leitores a acompanhar as primeiras memórias de infância do narrador. Decidimos por esse recorte específico visto que esse trecho inicial nos possibilita refletir sobre algumas escolhas do narrador em relação ao tempo, às personagens e à sequência de eventos.

A obra tem sido caracterizada por pesquisadores do campo da literatura de diversas formas: como um romance autobiográfico, como ficção e também como memória (CÂNDIDO, 1992). As diferentes formas de compreender os escritos do autor, na nossa perspectiva, ampliam as possibilidades de estabelecer relações com a narrativa. Interessa-nos neste trabalho, considerar a contribuição da narrativa para pensar o espaço/tempo da formação de professores, visto que, conforme sinaliza Hermann (2005, p. 14), a “emergência da estética aponta que as forças da imaginação, da sensibilidade e das emoções teriam maior efetividade para o agir do que a formulação de princípios abstratos e do que qualquer fundamentação teórica da moral”.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Recorremos aos escritos de Benjamin (2012) para salientar que ao narrar suas experiências, o narrador “pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer)” (BENJAMIN, 2012, p. 221). Dessa forma, podemos dizer que a obra escrita por Graciliano Ramos narra tanto os acontecimentos da fase infantil do escritor alagoano, quanto as experiências assimiladas àquelas mais íntimas do autor em relação à temática da infância.

Contrapondo a ilusória pureza da narrativa, Benjamin (2012) sugere que ela não pretende representar algo “puro em si”, como se a narrativa existisse independente de uma subjetividade que a conferisse sentido. O autor recorre à imagem de um mergulho em si para caracterizar esse processo: A narrativa “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele” (BENJAMIN, 2012, p. 205), de modo que ao narrar-se o sujeito deixa vestígios desse mergulho na própria historicidade.

Além disso, o distanciamento das experiências se mostra como condição de possibilidade de acesso à narrativa para Benjamin (2007). Rompendo com a perspectiva linear de história, Benjamin salienta a necessidade de uma explosão de continuidade na noção de tempo, a fim de aproximar presente e passado: “Para que um fragmento do passado seja tocado pela atualidade não pode haver qualquer continuidade entre eles” (BENJAMIN, 2007, p. 512). Esse acesso às experiências para o ensejo narrativo é também marcado pelas escolhas de quem narra, de modo que opera-se um pacto com a realidade e uma “manipulação da existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaques a certas passagens” (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

Logo, voltar ao passado e elaborar uma narrativa sobre experiências de infância é uma forma de reconstruir as experiências, atualizando-as. Nesse cenário, é possível perceber que esse mergulho em si estabelece um entrelaçamento de tudo que foi integrado à subjetividade do narrador, de modo que um certo nível de esquecimento, intencional ou não, fica subjacente às escolhas do sujeito que narra suas experiências. Na referida obra de Graciliano Ramos, percebemos as marcas desse mergulho na imensidão de suas experiências relacionadas à infância, tanto a sua própria quanto a de outros sujeitos. Ao escrever os capítulos, que posteriormente foram organizados e publicados em formato de livro, o escritor alagoano mergulha nas suas experiências diversas relacionadas à infância e emerge desse ensejo com uma narrativa singular sobre a vida no sertão a partir das lentes de uma criança que se constitui.

Além disso, tomamos como pressuposto que a narrativa dá um testemunho de uma relação. Butler (2015) sinaliza que o sujeito quando busca narrar-se percebe que uma temporalidade social se faz presente no seu relato, visto que “o “eu” não se separa da matriz prevalecente das normas éticas e dos referenciais morais conflituosos”. Isso leva a autora a concluir que a história dos sujeitos é também a “história de uma relação — ou conjunto de relações — para com um conjunto de normas” (BUTLER, 2015, p. 17). Uma vez que a constituição de si se inicia em uma relação intersubjetiva de dependência em uma etapa da vida cujo acesso às experiências a partir da memória nos é limitado, toma-se por pressuposto também que o sujeito seja opaco para si mesmo (BUTLER, 2015). Por mais que busque compreender sua constituição de si, alguns aspectos dessas relações serão parcialmente irrecuperáveis e além de suas capacidades

de narrar-se e compreender-se. Isso, segundo Butler (2015), não o isenta das responsabilidades éticas para com os outros. Ao contrário, sugere a relevância das iniciativas de rememoração das relações primeiras e primárias que nos constituíram, exatamente considerando a opacidade constitutiva que nos caracteriza.

Portanto, compreendemos que a obra **Infância** de Graciliano Ramos (2020) pode se caracterizar como esse exercício de construção de uma memória coletiva que convida o leitor a adotar as lentes de um sujeito recém chegado ao mundo para tentar dar sentido ao que lhe atravessa, enquanto também pode sensibilizar para reflexão acerca de sua própria forma de colocar-se em relação como adulto. Dessa maneira, percebemos a relevância desta obra para oferecer aos professores em formação condições de possibilidade de aproximar a perspectiva do adulto da forma particular de ver e significar o mundo de uma criança pequena.

No primeiro capítulo da obra, acompanhamos as memórias do narrador a partir de sua perspectiva como criança que, segundo as contas de sua mãe, era um menino de 2 a 3 anos de idade. Logo no início de suas reflexões, ele afirma: “Positivamente havia pitombas e um vaso de louça, esguio, oculto atrás de um móvel a que a experiência deu o nome de porta” (RAMOS, 2020, p. 9). Percebemos neste trecho o convite para que o leitor acompanhe os processos de significação das experiências do narrador enquanto criança.

A escrita desse capítulo é composta por cenas entrecortadas, acompanhadas das reflexões do narrador adulto. Esses cortes, em partes, sinalizam para o desafio de acesso às próprias memórias, o que nos remete à opacidade constitutiva e aos níveis de esquecimento nas experiências. No entanto, essa descontinuidade na escrita relaciona-se também com a própria experiência de infância, na qual o sujeito está à mercê de alguns adultos referência: “De repente me senti longe, num fundo de casa, mas ignoro de que jeito me levaram para lá, quem me levou” (RAMOS, 2020, p. 9). Ser transportado ou então cair no sono e acordar em um outro ambiente são recorrentes nesse capítulo da obra, de forma que essa descontinuidade é vivenciada pelo narrador com certo desconforto.

Um outro trecho do capítulo exemplifica essa descontinuidade narrativa de forma especial. O narrador descreve um episódio no qual um buraco está sendo cavado no chão do pátio de sua casa, o que a partir de sua perspectiva é nomeado como um precipício. As montanhas de terra erguidas nas bordas do buraco o instigam, o que naturalmente leva o menino a se perguntar por qual motivo estariam cavando no quintal. Deixando o leitor sem resposta, o narrador vira seu foco para o que, na experiência infantil, tinha sua atenção no momento: um formigueiro.

Essa descontinuidade e fragmentação não se limitam apenas às cenas narradas, mas se estendem e englobam também as personagens com as quais a criança interage. Até determinado tempo, “algumas pessoas, ou fragmentos de pessoas, tinham-se manifestado, mas para bem dizer viviam fora do espaço. Começaram pouco a pouco a localizar-se, o que me transtornou” (RAMOS, 2020, p. 11). A construção das personagens dos pais se dá a partir de partes de seus corpos: “Revejo pedaços deles, rugas, olhos raivosos, bocas irritadas e sem lábios, mãos grossas e calosas, finas e leves, transparentes” (RAMOS, 2020, p. 13). Compreendemos que essa fragmentação da narrativa manifesta o ponto de vista da criança e o seu estar no mundo, além de expressar os processos de significação que o menino vai elaborando nessa fase da vida.

Logo após a descrição de seus progenitores, o narrador os caracteriza como dois entes difíceis. Graciliano Ramos, de forma muito sensível, convoca o adulto leitor a adotar o ponto de vista da criança, qualificando os adultos da narrativa - e não a criança - como difíceis. Em uma sociedade que facilmente circunscreve as possibilidades de constituição de si das crianças através de rótulos e julgamentos - difícil, pestinha, medonho - ao descrever os adultos como dois seres difíceis, o narrador fomenta uma ruptura que tem condições de possibilidade de levar o leitor a experimentar a perturbação a qual Hermann se refere. Talvez o leitor, como professor em formação para atuar com a infância, se pergunte em que medida ele mesmo não se aproxima desses adultos difíceis aos quais Graciliano Ramos faz referência.

#### 4. CONCLUSÕES

Neste breve recorte temático, tínhamos como objetivo refletir sobre a imagem de criança no primeiro capítulo da obra **Infância** de Graciliano Ramos (2020). Buscamos compreender como a perspectiva do menino na obra pode contribuir para tensionar a imagem de criança de professores em formação. Para tal, recorreremos à potência da literatura, uma vez que a estética pode atuar em uma dupla dimensão - na contextualização dos princípios éticos e também no reconhecimento do outro (HERMANN, 2005).

Compreendemos que a forma de colocar-se no mundo do narrador da obra e os processos de significação aos quais convida o leitor a acompanhar podem levar os sujeitos a momentos de confronto ético. Esse mergulho em si, na imagem de Benjamin, pode fomentar rupturas de crenças e valores relacionados à educação e a uma ressignificação da imagem de criança, o que por sua vez qualifica os processos formativos de professores para atuar com essa faixa etária.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura** (Obras Escolhidas v. I). São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. São Paulo: Autêntica, 2015.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

HERMANN, Nadja. **Ética e estética: a relação quase esquecida**. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

NÖRBERG, Marta, OURIQUE, Maiane. Por que a docência? Marcadores sociopedagógicos do desenvolvimento profissional de aspirantes à carreira docente. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 13, n. 2, p. 348-364, maio/ago 2018.

RAMOS, Graciliano. **infância**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2020.